

Immanuel Wallerstein: de africanista a criador da Análise dos Sistemas-Mundo

Pedro Vieira*

“Minha biografia intelectual é uma longa busca por uma explicação adequada da realidade contemporânea na qual eu e outros possamos agir. Essa busca é tanto intelectual quanto política – sempre achei que não poderia ser um ser ao mesmo tempo o outro – para mim ou para qualquer um.” (Immanuel Wallerstein)

Neste pequeno ensaio vou tentar mostrar como o interesse na África levou Immanuel Wallerstein a reescrever a história do mundo e a criar a Análise dos Sistemas-Mundo. Na raiz desse extraordinário feito intelectual, está o fato de ele ter sido, “desde o começo, um herético em relação [ao] tipo de ciência social” (WALLERSTEIN, 2000, p. xi, grifos PAV) que aprendeu e ensinou na Universidade Columbia. Nascido em Nova York em 28 de setembro 1930, seus pais eram judeus alemães que emigraram para os Estados Unidos no início dos anos 1920. Na época de sua juventude, “os judeus eram ou democratas, ou de extrema esquerda: não havia nenhuma outra possibilidade pra eles em Nova York.”¹ (WALLESTEIN, 2013, s/p). Em 1947 iniciou o curso de Sociologia na Universidade Columbia e a militância política. Formou-se em 1951 e publicou seu primeiro artigo, “Revolution and Order” (WALLERSTEIN, 1951), no qual discutia como um possível governo mundial trataria as revoluções em curso no mundo e os problemas que as motivavam. Nesse mesmo ano prestou serviço militar e foi enviado ao Panamá para defender o canal. Voltou a Columbia em 1953 para escrever a tese de mestrado aprovada em 1954 com o título *McCarthyism and the Conservative*.

A essa altura, o jovem Wallerstein já estava encantado pela África, da qual se aproximou em 1951, quando participou de um congresso internacional da juventude. Em 1952 foi a outro congresso desse tipo em Dacar e tomou conhecimento dos movimentos de independência. A partir desse momento “decidiu fazer da África o foco de suas preocupações intelectuais e de seus esforços de solidariedade.” (WALLERSTEIN, 2000, p. XVI). Em 1955 foi para a África fazer a pesquisa de campo para a tese de doutorado, defendida em 1959, com o título *The Role of Voluntary Associations in the Nationalist Movements in Ghana and the Ivory Coast*. A partir de então, e por duas décadas, ficou conhecido como um africanista, a ponto de ter ocupado a Presidência da Associação de Estudos Africanos (ASA) no período 1972-1973. Além de conhecer intelectuais como Franz Fanon, a quem encontrou na África em 1960, e do engrandecimento pessoal, a experiência africana mudou seu modo de ver o mundo:

[...] foram meus estudos sobre a África que abriram meus olhos tanto para os temas políticos mais candentes do mundo contemporâneo como para as questões acadêmicas de como analisar a história do moderno sistema-mundo. A África foi responsável por

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais-UFSC. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Economia Política dos Sistemas-Mundo.

¹ Seria Wallerstein um herdeiro da geração de judeus que, segundo Löwy (1989, p. 10), eram “sonhadores e utópicos” [e] aspiravam a um mundo radicalmente outro?”

desafiar as partes mais entorpecentes (*stultifying*) da minha educação. (WALLERSTEIN, 2000, p. xvii)

Entre os desafios, despontava o de elaborar um marco analítico alternativo à teoria da modernização, que ele constatava ser incapaz de explicar a realidade. Os primeiros passos nessa direção foram dados na África em 1965. Ao preparar uma conferência sobre problemas mundiais, resolveu ampliar os escopos temporal e espacial da análise. Em 1966, afirmava que, se o objetivo era transformar o mundo para transformar a África, o campo de ação do movimento pela unidade africana era o mundo (WALLERSTEIN, 1966, p. 41).

A busca por uma metodologia adequada para comparar países com diferentes graus de desenvolvimento, foi de certa forma interrompida pelas revoltas estudantis de abril de 1968 na Universidade Columbia, com as quais se envolveu intensamente.³ Apesar de considerar a “revolução mundial de 1968” o mais importante acontecimento do século XX⁴, a experiência direta nos acontecimentos da Universidade Columbia parece não ter influenciado concretamente sua busca por conceitos adequados para compreender o sistema mundial. De fato, nos escritos do final da década de 1960, apesar do uso do termo sistema mundial denotar certo holismo, Wallerstein ainda conservava o estado nacional como unidade de análise. (WILLIAMS, 2020) Surpreendentemente, em um ensaio sobre o desenvolvimento econômico, escrito em 1970, não há qualquer conceito que remeta a uma perspectiva histórico-mundial. (WALLERSTEIN, 1971a). A expressão sistema-mundo (assim mesmo, com hífen) aparece na resenha dos livros de Amílcar Cabral, e de Gérard Chaliand. (WALLERSTEIN, 1971). A Análise dos Sistemas-Mundo é apresentada pela primeira vez no ensaio *Three Paths of National Development in Sixteenth-Century Europe* (1972), no qual Wallerstein mostra como as funções de três regiões na economia mundo fazem uma delas (Polônia) se transformar em periferia, outra (Veneza) descer para a semiperiferia e a terceira (Inglaterra) ascender para o centro da economia mundo europeia. Portanto, neste ensaio, que nos parece uma síntese do argumento central de *O Moderno Sistema-Mundo I*, a unidade de análise da comparação é a economia mundo, ainda grafada sem o hífen, que depois foi considerado fundamental para indicar que essa expressão designa um espaço específico. Dois autores foram decisivos para essa descoberta: Fernand Braudel, que o introduziu ao século XVI e às noções de economia-mundo e longa duração; e Marian Malowist, através de quem tomou conhecimento de Braudel e quem, junto com outros historiadores econômicos poloneses, mostrou concretamente o conceito de periferia. (WALLERSTEIN, 2004).

Se foi no decurso de suas pesquisas sobre a África que Wallerstein percebeu que para entendê-la teria de explicar primeiro o sistema mundial em que ela se inseria,⁵ foi também esse continente que mereceu a primeira aplicação da Análise dos Sistemas-Mundo, o que aconteceu em 1973, no discurso intitulado *África in a Capitalist World*, que Wallerstein proferiu como presidente da ASA. (WALLERSTEIN, 1973) A esta al-

³ Para detalhes desse envolvimento, ver WILLIAMS (2020)

⁴ Ver WILLIAMS (2013) e WALLERSTEIN (2007)

⁵ Wallerstein descreve essa mudança na Introdução de *O Moderno Sistema-Mundo*.

tura, *O moderno Sistema-Mundo I: a agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI*, concluído em 1972, ainda não encontrara uma editora que aceitasse publicá-lo, talvez por se tratar de um livro denso, abarrotado de notas de rodapé e que tratava do século XVI, um assunto de pouco interesse. O livro só veio à luz em 1974 porque a editora Academic Press e seu consultor para assuntos acadêmicos, Charles Tilly, aceitaram correr o risco de publicá-lo.

Com esse livro, o herético Immanuel Wallerstein criava sua própria perspectiva de análise e passaria o restante de sua vida escrevendo, não mais sobre a África, mas sobre economia-mundo capitalista, seja redigindo mais três volumes de *O moderno Sistema-Mundo*⁶, seja detalhando e esclarecendo conceitos e teses, bem como abordando diferentes aspectos do moderno sistema-mundo, com destaque para a crítica das ciências sociais do século XIX. Para fortalecer e divulgar a nova perspectiva, em 1976 Wallerstein se juntou a Terence Hopkins na State University of New York, em Binghamton, que lhe deu condições para criar o Fernand Braudel Center for the Study of Economies, Historical Systems, and Civilizations, que funcionou até 30 de junho de 2020. Na década de 1980 a Sociedade Americana de Sociologia criou a seção Political Economy of World-Systems, que em 2020 organizou sua 44ª. conferência. No Brasil, desde 2007 o Grupo de Pesquisa em Economia Política dos Sistemas-Mundo (EPSM) (<http://gpepsm.ufsc.br/>) vem anualmente organizando o Colóquio Brasileiro em EPSM.

Immanuel Wallerstein nos deixou fisicamente em 31 de agosto de 2019, mas sua imensa e extraordinária obra está à disposição de quem quiser se inspirar em um herético pensador e militante anticapitalista, para quem ciência e militância não eram excludentes.

⁶ O quarto foi publicado em 2011. Em português, somente os volumes I e II, esgotados, foram publicados pela editora Afrontamento, de Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROJAS, C.A. *Immanuel Wallerstein: Crítica del Sistema-Mundo Capitalista*, Ediciones Era: México, DF, 2003.

LÖWY, Michael. *Redenção e Utopia: o judaísmo libertário na Europa Central* (Um estudo da afinidade eletiva), São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

WALLERSTEIN, I. "Revolution and Order", *Federalist Opinion*, Vol.1, Issue 7, p. 23-26, 1951.

_____. African Unity Reassessed. *Africa Report*, p.41-46, April 1966.

_____. The Lessons of the PAIGC. *Africa Today*, 18, 3, p.62-68, July 1971.

_____. The State and Social Transformation: Will and Possibility. *Politics and Society*, p.359-361, maio1971a.

_____. Three Paths of National Development in Sixteenth-Century Europe. *Studies in Comparative International Development* 7, no. 2, p.95-101, 1972.

_____. Africa in a Capitalist World. *A Journal of Opinion*, 3(3), p. 1-11, 1973.

_____. *The Essential Wallerstein*. New York: The New Press, 2000.

_____. *The Uncertainties of Knowledge*. Philadelphia: Temple University Press, 2004.

_____. *Geopolítica y Geocultura: Ensayos sobre el sistema mundial*. Barcelona: Kairós, 2007.

WILLIAMS, G.P. . Interview with Immanuel Wallerstein. Retrospective on the Origins of World-Systems Analysis. *Journal of World-Systems Research* 19, no. 2: 202-10, 2013.

_____. *Contesting the Global Order: The Radical Political Economy of Perry Anderson and Immanuel Wallerstein*. Albany: SUNY Press, 2020.

_____. Three Paths of National Development in Sixteenth-Century Europe. *Studies in Comparative International Development* 7, no. 2, p.95-101, 1972.

_____. Africa in a Capitalist World. *A Journal of Opinion*, 3(3), p. 1-11, 1973.